



## *A contribuição das histórias infantis para a aprendizagem da criança*

*Maria da Silva Farias*

Professora da rede pública, especialista em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos

*Alúcio César Barbosa dos Santos*

Docente, diplomado em Filosofia (UEPB); especialista em EJA com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano (UFCG); pós-graduando em Gênero e Diversidade na Escola (UFPB) e em Ensino de Filosofia no Ensino Médio (UFRN)

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo compreender a importância de trabalhar a cultura local na Educação Infantil. Para tanto, utilizou-se a pesquisa de Campo. Pois a temática busca resgatar e ou preservar a cultura local, ao proporcionar às crianças tais conhecimentos de forma lúdica. Nessa perspectiva, no decorrer da aplicação do projeto de pesquisa, o qual foi vivenciado por toda a escola, resgatou-se as principais figuras folclóricas deste município e evidenciou-se a cantoria como principal cultura da cidade. Porém a análise das discussões de dados encontra-se fundamentada nos estudos de autores que abordam a temática, com destaque Elisa, Maria (2012) e Freire (1989), entre outros que tratam da importância de trabalhar a cultura local desde a Educação Infantil.

**Palavras-chave:** cultura local, ludicidade, figuras folclóricas.

## *The contribution of children's stories to the child's learning*

**Abstract:** This article aims to understand the importance of working the local culture in early childhood education. To do so, we used the field research. Because the thematic search rescue and or preserve the local culture, to give children the knowledge of playful way. From this standpoint, rescued the principal folk figures of this municipality and highlighted the main culture of city life. However the data analysis of the discussions is substantiated in studies of authors that discuss the subject, Elisa (2012) and Freire (1989), among others that deal with the importance of working the local culture since the early childhood education.

**Keywords:** local culture, playfulness, folk figures.

### **1 Introdução**

A presente pesquisa tem como temática: A Contribuição das Histórias Infantis para a Aprendizagem da Criança, a qual foi trabalhada como uma pesquisa de campo e, utilizou-se o método indutivo.

Para tanto, buscou-se as seguintes discussões: a relevante importância da contação de histórias diversificadas para o desenvolvimento da oralidade das crianças da Educação Infantil, assim como o grande significado que têm as histórias contextualizadas com sua realidade social e cultural para a construção de sua identidade. E, a desmistificação da valorização excessiva das culturas exteriores na educação infantil em detrimento da cultura local, a qual pode ser extinta por falta do conhecimento pelas novas gerações, bem como o estabelecimento da eticidade cultural a partir do resgate da cultura local, cultivando nas crianças o gosto pela

mesma, para que, conhecendo-a possam vivenciá-la e valorizá-la efetivamente.

Para tanto, foi resgatado algumas figuras folclóricas da cidade, foram colocados em evidência o recital, a cantoria e a vaquejada enquanto particularidades culturais do município, provocando assim, todo um envolvimento das crianças da creche à pré-escola.

Quanto à análise das discussões de dados, esta encontra-se fundamentada nos estudos de autores que abordam a temática, com destaque para Elisa (2012) e Freire (1989), entre outros que tratam da importância de trabalhar a cultura local desde a Educação Infantil.

### **2 Revisão de Literatura**

#### **2.1 Histórias Infantis: Aspectos conceituais**

Pode-se definir as histórias infantis como ferramentas fundamentais para a ampliação da formação

do (a) leitor (a), uma vez que desde a mais tenra idade se constitui sujeito leitor (a) de seu meio social. Ao ingressar na escola se inicia a formação do (a) leitor (a) da palavra, onde a partir de sua experiência de vida passa a atribuir a mesma novos significados.

De acordo com a forma e a frequência que as histórias infantis forem apresentadas à criança, se tornam passaportes para o conhecimento das diversidades, onde a criança amplia sua leitura de mundo, inicialmente como encanto e magia, despertando o prazer de ouvir histórias, contá-las e dramatizá-las, o que se torna elemento de suas brincadeiras espontâneas nos jogos simbólicos e desperta o interesse pelos livros. Por isso a mediação para a construção desse conhecimento deve acontecer de forma séria e comprometida, uma vez que marca significativamente a vida da criança, sobretudo no que diz respeito à continuidade da relação com o texto literário.

Segundo Maria Elisa (2012) “A leitura como decodificação e interpretação de signos ou de símbolos, começa muito antes do contato com o texto escrito. Desde os primeiros meses de vida, a criança, em contato com os estímulos oferecidos pelo meio em que vive, vai aprendendo a identificar objetos e a eles conferir significados. Ela de certa forma já lê o mundo que a cerca. A aquisição da linguagem verbal passa por um estágio que, por meio do contato com as palavras em sua manifestação sonora ou fônica, a criança começa a relacionar som e sentido”.

Observa-se que ao chegar à creche por volta de seus dois anos de idade, a maioria das crianças do contexto investigado, já apresenta um razoável desenvolvimento verbal e externo seus desejos e seus conhecimentos prévios, nas diversas brincadeiras, nas rodas de conversa e no momento de saudades da mãe ou de responsáveis, quando necessita satisfazer suas necessidades fisiológicas, assim como reconhecem seus pertences.

Diante desse potencial apresentado, há toda uma possibilidade para aprofundar a aprendizagem, explorando a oralidade através da contação de histórias e utilização de cantigas diversas, desde que as crianças sejam instigadas a falar de fato, a recontar as histórias escutadas, a cantar, a produzir histórias orais e dramatizá-las. Pois estimulando e respeitando a liberdade de expressão das mesmas, pode-se perceber os valores construídos no processo educativo, os quais foram internalizados por elas, contribuindo gradativamente para seu desenvolvimento cognitivo.

Percebe-se também que esses valores ao serem externados, vêm recheados da cultura familiar e social que a criança adquiriu no seu convívio diário, e se vem de um ambiente alfabetizador apresenta melhor desenvolvimento na oralidade e maior facilidade para ouvir e interagir com as histórias contadas e/ou cantadas na escola.

Mesmo que as crianças não tenham em casa contato direto com o texto escrito, mas têm acesso aos contos e cantigas populares desde bebês, já dispõe de uma série de recursos, os quais devem ser considerados ou resgatados pelo (a) educador (a) para mediar o processo de pré-leitura, uma vez que boa parte das famílias

atualmente não preservam uma cultura tão importante, pois a mídia de um modo geral tomou esse espaço, o qual teria o papel de contribuir significativamente para o desenvolvimento da oralidade. Nessa mesma perspectiva, segundo Elisa, Maria (2012) “a pré-leitura que como o nome indica, pré-leitura pressupõe uma fase da linguagem em que a criança experimenta a oralidade. Assim, escuta textos, a leitura que realiza é através da audição. [...] A criança, primeiro é leitora de textos orais, pois escuta cantigas, poesias e historinhas para, depois tornar-se leitora de textos escritos”.

Entre dois e seis anos, segundo Jean Piaget a criança encontra-se no estágio de desenvolvimento pré-conceitual e pré-operacional. A característica desse estágio é justamente o de aquisição da linguagem.

Ao considerar que nesse estágio a criança está também em processo de formação de sua personalidade, é inerente a preocupação com a qualidade de histórias que deve ser contadas para elas e a ludicidade que deve ser oferecida para despertar o gosto pela leitura. Há diversas formas de tornar atrativa a leitura dos mais diversos gêneros textuais, como a dramatização, o teatro de fantoches, de dedoches, a leitura de imagens, o suspense na hora da contação, a entonação da voz, sobretudo na contação apenas verbal, como por exemplo, o recital de poesias, o qual trás uma ludicidade própria, assim como as cantigas em geral.

Para observar a qualidade dos textos infantis, é necessário ter como critério o significado que os mesmos têm para as crianças, afinal, mesmo pequeninas, elas já são seres históricos, sociais e culturais, as quais não precisam de um currículo pronto, imposto, pois a criatividade é a ferramenta principal para a construção do saber.

Porém se a criança cresce ouvindo histórias que reforçam a discriminação de um modo geral, o machismo, a inferioridade dos pobres e a omissão de sua cultura, ela tende a subestimar-se caso seja de classes discriminadas, ou a sentir-se superior, caso seja da classe dominante, a reproduzir o comportamento machista e a não valorizar sua cultura por falta de conhecimento.

Não se deve subestimar a capacidade dos pequenos e, para que eles criem e exercitem uma disciplina intelectual, é necessário propor aos mesmos, desafios adequados à sua idade, onde o (a) educador (a) deve ter paciência para escutar cada um, competência para instigar a fala e os argumentos, pois é assim que acontece o verdadeiro aprendizado.

Ao considerar que o ser humano enquanto ser único que tem um potencial particular e desde a mais tenra idade é capaz de evoluir intelectualmente, o (a) educador (a) contando com as competências acima citadas, proporcionará uma aprendizagem consistente, gerando autonomia, onde o (a) educando (a) vai aprendendo a intervir na sociedade com discernimento próprio, contribuindo para sua modificação.

Por isso Freire (1989) argumenta:

Ensinar um conteúdo pela apropriação ou apreensão deste por parte dos educandos demanda a criação e o exercício de uma séria disciplina

intelectual a vir sendo forjada desde a pré- escola. Pretender a inserção crítica dos educandos na situação educativa, enquanto situação de conhecimento, sem essa disciplina é espera vã. (FREIRE, 1989, p. 82).

Percebe-se que essa tarefa requer do (a) professor (a) efetiva dedicação e consciência crítica, para saber que tipo de contribuição quer dar para a formação de seus alunos. Porém isso depende de sua filosofia de vida e de sua realização profissional. Pois se a profissão é exercida como um verdadeiro sacerdócio, ele (a) terá de fato compromisso com a verdadeira educação.

A recomendação para seleção das histórias infantis é que sejam ilustradas, que utilizem cantigas diversas e a poesia em função da musicalidade. Elisa, Maria reforça, [...] A poesia nessa fase conquista mais por seu caráter lúdico e por sua capacidade de surpreender, seja através dos efeitos sonoros, seja através da construção de imagens inusitadas.

Como esta cidade é considerada a capital da poesia, as modalidades de poesia aqui existentes devem tornar-se familiar aos pequenos desde a creche, considerando seu poder encantador de estimular o desenvolvimento da oralidade e a importância de perpetuar a cultura local.

Essas modalidades são diversas e apesar do acervo limitado de poesias escritas é possível todo cidadão conhecer, principalmente se as escolas despertarem para importância da preservação de tão linda cultura. Pois é um recurso riquíssimo a ser utilizado nas salas de aula. No caso da Educação Infantil, deve-se apresentá-la com bastante entonação, o que é característico do recital.

Quanto ao repente, que se constitui enquanto arte maior e possui em si uma ludicidade própria, deve ser a principal modalidade a ser trabalhada, e com frequência, pois atrai crianças de todas as faixas etárias e também é uma modalidade típica da cultura local a qual está lamentavelmente caindo na depreciação dos jovens, dos quais boa parte demonstra aversão à mesma, por não terem aprendido a valorizá-la enquanto arte sagrada do berço imortal da poesia.

Para esse berço ser de fato imortal, é preciso que a escola cumpra seu papel de preservar essa cultura, de tal forma que crianças e jovens adquiram um senso de pertencimento a mesma, valorize-a efetivamente e passem a defendê-la.

A cantoria oferece os mais diversos gêneros que incorporam sentimentos, razão, experiência de vida, princípios pessoais, humor, humanismo entre outros. Então além da diversão, ela traduz conteúdos culturais essenciais para o desenvolvimento humano em sua integridade. Neste sentido, Elisa, Maria (2012) afirma que “em contato com textos poéticos, a criança cria um alargamento dos conteúdos mentais, substituindo-os por uma poderosa busca pelo desconhecido, estimulada pelo desafio das formas e das ideias. É essa incógnita que permite que a poesia, como objeto, estimule o pequeno leitor ao conhecimento”.

É a partir da diversidade de gêneros textuais que organiza-se as experiências de vida e constrói-se a

identidade pessoal. Neste contexto se insere a relevância de preservar as figuras folclóricas locais, as memórias das que já se foram, as ações, poesias e histórias das que ainda vivem, para que as crianças aprendam a valorizar e defender sua cultura para posteriormente conhecer culturas de outras regiões.

Para isso é necessário que o (a) professor (a) se disponha a pesquisar, para assim proporcionar um aprendizado significativo para seu aluno, ao invés de limitar-se aos textos prontos que trazem os livros, os quais nada têm a ver com sua história, com sua cultura.

Daí porque Freire (1989, p. 32-33) salienta que, “Ninguém deixa seu mundo adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura”.

No entanto, o (a) professor (a) que não acredita na riqueza cultural e na aprendizagem que a pesquisa de campo proporciona a si e aos seus discentes, jamais terá disposição para fazê-la, pois isso requer muito trabalho e criatividade para sistematizar os dados colhidos, de tal forma que possam ser pedagogicamente apresentados às crianças. Porém é cômodo adequar-se ao que vem pronto. Neste sentido, Freire sustenta que, “Se não é possível defender uma prática educativa que se contente em girar em torno do “senso comum”, também não é possível aceitar a prática educativa que zelando o “saber de experiência feito”, parta do conhecimento sistemático do (a) educador (a) (FREIRE, 1989, p. 59).

Ao considerar o educando enquanto sujeito de sua história e de sua aprendizagem é fundamental respeitar seus conhecimentos prévios, permitindo que flua uma aprendizagem significativa, o que o motiva a elevar sua autoestima, ao contrário do conhecimento imposto pelo professor.

## 2.2 Tipos de Histórias

O carnaval desta cidade contava com o boi de Severo, o que marcou a infância de muitos jovens egipcenses. Essa cultura atualmente não é sequer lembrada nas escolas. Quando alguém fala do boi, utiliza o termo bumba meu boi, desconsiderando algo tão significativo para esse povo. No entanto, a seguinte história busca resgatar este valor cultural a partir do trabalho pedagógico na creche, considerando que ele é à base da formação das crianças enquanto seres socioculturais.

### O BOI DE SEVERO

Severo era um menino muito esperto e muito treloso. Um dia ele estava jogando bila com um colega defronte de casa, enquanto Dona Matilde, sua mãe, fazia crochê. Pouco tempo depois os dois resolveram fugir.

Dona Matilde ao perceber que eles não estavam mais lá, levantou-se e gritou: - Severo! Severo! Severo! – Ele, porém não apareceu. Ela então foi à casa da vizinha e bateu na porta, mas não apareceu ninguém. Foi à casa de outra vizinha, bateu na porta e não apareceu ninguém, pois o povo tinha

ido olhar o boi do carnaval. Dona Matilde começou a chorar.

De repente, apareceu o boi e um bloco animado que dançava e cantava:

(Ritmo: Oh Mariana porque está tão triste?)

Oh Matilde, por que estás tão triste?

Mas o que foi que te aconteceu?

(- Foi o Severo que saiu de casa

Faz duas horas e não apareceu) (bis)

Dona Matilde! Vem por favor:

(Não fique triste que este filho é todo seu

O Severo é um artista que aqui apareceu!)(bis)

Ilêaô,ô,ôô ô ôô...

Para sua surpresa o boi se levantou, e quem estava em baixo do boi? – Era Severo! Dona Matilde correu e abraçou-o. Desse dia em diante o boi do carnaval passou a se chamar: o boi de Severo.

(Maria da Silva Farias)

Esta história ao ser contada e dramatizada, prendeu efetivamente a atenção das crianças, sobretudo por ser bastante lúdica, pois a figura do boi, com seu colorido e seus movimentos já é motivo de diversão para as crianças.

A partir disso, ampliaram de forma prazerosa sua oralidade e despertaram para valorizar a cultura local. A música e o ritmo carnavalesco contidos na história também são bastante atrativos, e além de divertir contribui para desenvolvimento da motricidade ampla das crianças e sua capacidade de seguir regras ao coreografá-la.

Antes de ser dramatizada foi contada com bastante entonação prendendo a atenção de todas as crianças. Seria interessante que utilizasse também recursos como dedoches ou fantoches, por exemplo. Após a dramatização foi realizada uma atividade individual com colagem enfeitando um boi. Como poderia ter sido confeccionado o boi com as crianças para a dramatização, o qual poderia ser feito de sucata. Essas atividades contribuem para o desenvolvimento da motricidade fina das mesmas, para sua socialização e apropriação das cores.

Dessa forma, atribuirão ao Boi de Severo maior significado em função de sua efetiva participação.

Milonga foi um dos tantos andarilhos desta cidade, o qual vivia pelas ruas catando lixo e pedindo comida nas casas. Essa figura folclórica marcou a vida dos egípcios significativamente, através de várias atitudes. Seguem duas histórias (memórias) divertidas de Milonga as quais demonstram as emoções que o mesmo causava constantemente nas pessoas pelas ruas.

### Milonga e os pães

Certo dia, enquanto eu conversava com minha amiga Rosilda na casa de sua tia, chegou à casa vizinha um rapaz que andava vendendo pão. Bateu palmas várias vezes e ninguém o atendeu. Portanto, ele resolveu deixar os pães pendurados no portão e foi embora.

Então apareceu Milonga, vestido de camisa amarela e bermuda, fumando um cigarro, com um

pau no ombro, onde levava um pacote de lixo pendurado. Aproximou-se dos pães, pegou-os e saiu com eles. Então comentamos: - Ele vai comer os pães da mulher! Milonga, no entanto, ao chegar num terreno baldio jogou os pães. Então concluímos: é doido mesmo!

(Maria da Silva Farias)

### Maria é minha!

Em 1997, eu morava no planalto e em um meio de semana recebi a visita do meu irmão. Agente conversou bastante enquanto Milonga almoçava numa calçada defronte a minha casa.

Quando meu irmão ia embora Milonga apareceu na porta e, de olhos arregalados falou furioso: - Maria é minha! Maria é minha! Maria é minha!... Fiquei tremendo de medo e só deixei meu irmão sair quando Milonga foi embora.

Alguém me contou que Milonga vivia dizendo: Maria é minha, por causa de uma Maria que não quis casar-se com ele. (Maria da Silva Farias)

Milonga é uma figura folclórica inesquecível, o qual deve ser lembrado de geração em geração. Além de suas histórias serem divertidas e comoventes, ele enquanto andarilho recebeu o carinho da maioria do povo egípcio.

Além das crianças conhecerem esse personagem da vida real, que marcou a história da cidade, com suas características típicas de andarilho, o que torna-se divertido. Elas foram motivadas com essas histórias a respeitar as diferenças, ver o andarilho enquanto ser humano que faz parte da diversidade.

A poesia, enquanto principal cultura da cidade, jamais poderia deixar de ser exaltada neste trabalho. A paródia seguinte trata da mesma com o intuito de contribuir para preservação de tão honrada arte.

### Paródia - Ritmo: A dona aranha

A nossa cultura/na terra da poesia  
Tem sujeito forte/Que é o cantador  
Já passou Marinho/Cancão e Lourival  
Novos poetas continuam a surgir (bis)  
Poeta é talentoso/ao fazer repente  
Canta, toca e canta  
Sempre está contente. (bis)  
(Maria da Silva Farias)

A partir desta paródia, após levantamento dos conhecimentos prévios das crianças, elas foram suscitadas a aprofundarem seus conhecimentos sobre o significado da cantoria, quem foram os primeiros cantadores desta cidade, porque a cidade é conhecida como terra da poesia, quem são os poetas atuais, o que é um repente e que instrumento musical é utilizado na cantoria.

São conhecimentos básicos, porém indispensáveis à preservação dessa cultura sagrada, a qual encanta e surpreende seus apologistas. As crianças apropriando-se da mesma, passaram a propagá-la e, assim, inicia-se a consolidação da perpetuação desta arte brilhante.

O aboio da vaquejada é outra modalidade de poesia que também é fascinante e faz parte da cultura local. Os tercetos a seguir apresentam o cenário da vaquejada.

#### A vaquejada

É dia de vaquejada,  
É festa bem animada  
E lá vou me divertir:

Pego meu chapéu de couro  
Meu cavalo - meu tesouro  
Vou pela estrada a sorrir!  
Encontro minha parceira  
Que é mulher linda e guerreira  
Comigo vai competir.

Derrubo boi, ouço toada  
Observo a mulherada  
Que feliz me faz sentir!

E a sanfona vai tocando  
E o povo ali dançando  
De tudo tem pra curtir!

(Maria da Silva Farias)

Como a maioria das crianças sempre vão acompanhadas de seus familiares à vaquejada, a poesia acima citada, proporcionou uma excelente roda de conversa, onde quase todos tiveram oportunidade de falar sobre o cenário da vaquejada, os elementos que a compõem, sobretudo os animais ali presentes, o que é bastante lúdico e atrativo. Assim como foi apresentada por uma professora todas diversificadas enquanto modalidades da poesia.

Ressaltou-se também a presença da mulher nesta atividade, que ainda é uma presença tímida, mas de relevante significado. Foi apresentado também o forró pé de serra enquanto elemento cultural que está sempre presente nas festas de vaquejada.

Foram realizados jogos simbólicos representando a vaquejada, com o intuito de reforçar o desenvolvimento da oralidade das crianças. Poderia realizar atividade para modelar os animais que aparecem na vaquejada, trabalhando assim o desenvolvimento da motricidade fina das crianças. E, para o desenvolvimento da motricidade ampla, poderia brincar de cavalinho, por exemplo.

#### 2.2 Resultados e possibilidades: importância dos trabalhos de campo

Além do embasamento teórico foi realizada observações através da pesquisa de campo, nas salas de aula da Educação Infantil de uma escola pública municipal.

Serviu como instrumento de investigação o questionário (apêndice), respondida por algumas professoras da referida escola e a observação das ações de crianças e professores na aplicação de um projeto de

pesquisa, o qual teve como temática: A contribuição das Histórias Infantis para o Desenvolvimento da Criança. Portanto, pode-se definir a pesquisa como uma abordagem descritiva e qualitativa, uma vez que os resultados extraídos tiveram como base as observações do comportamento dos sujeitos.

Procurando-se focar nas observações qual o espaço que as atividades relacionadas à Contribuição das Histórias Infantis para a Aprendizagem da Criança têm na escola e na sua aprendizagem.

Durante a investigação foi utilizado como instrumento de pesquisa “o questionário” com questões abertas e fechadas e a observação para melhor compreender a problemática em estudo.

A investigação transcorreu no segmento docente e discente que integram a Educação Infantil.

#### 2.3 Concepções do segmento docente

Por se tratar de um estudo em que enfoca A Contribuição das Histórias Infantis para a Aprendizagem da Criança, como sendo uma atividade que possibilita o desenvolvimento cognitivo da mesma, surge a necessidade de buscar melhor compreensão da temática. Para isso buscou-se informações junto aos sujeitos envolvidos na investigação.

Assim, a investigação transcorreu nos segmentos docentes e discentes numa Escola Pública Municipal de Educação Infantil, a qual conta ainda com uma estrutura precária, porém com o dinamismo e força de vontade do segmento docente, o qual utiliza também os espaços externos para os trabalhos pedagógicos, torna-se viável a realização do processo educativo das crianças da creche à pré-escola.

Esse segmento é constituído de boas professoras, sendo um total de 13. As mesmas atendem 175 alunos.

A distribuição das turmas se dá da seguinte forma: No período matutino (manhã) funcionam quatro turmas de creche, sendo denominadas de Creche I a turma de crianças de dois anos de idade e de Creche II a turma de crianças de três anos, e uma turma de Pré-I. No período vespertino (tarde), a escola conta com um Pré-I e dois Pré-II. Vale ressaltar que as turmas de creche e o pré- I da tarde contam com duas professoras em cada turma.

Pesquisou-se inicialmente sobre a formação docente das professoras entrevistadas que atuam na referida escola e concluiu-se que 20% das professoras são graduadas em Pedagogia e as demais 40% estão cursando a referida graduação.

A afetividade é indispensável no processo de aprendizagem, principalmente quando se trata de crianças, pois ao sentirem-se amadas, sentem-se também livres para raciocinarem e produzirem. Já a arrogância bloqueia a mente de qualquer aprendiz, adormece o raciocínio, fazendo-as sentir-se inferiores ou incapazes.

Porém das profissionais investigadas, 60% afirma ter uma ótima relação sócio afetiva com seus alunos e as demais 40% consideram ter uma boa relação neste aspecto, o que se comprava na prática de todas as professoras entrevistadas.

Na pesquisa as professoras foram questionadas sobre a importância de trabalhar a cultura local na Educação Infantil. Todas em unanimidade afirmaram acreditar ser importante e apresentaram justificativas como: “desde cedo precisamos valorizar o que é nosso”; “é tendo conhecimento da cultura local que as crianças poderão preservá-la”; “é importante aprender desde cedo sobre suas origens e cultura para tornarem-se cidadãos críticos com desenvoltura”.

Apesar dos depoimentos percebe-se que na concepção das professoras investigadas nas entrevistas e observadas no decorrer da execução do projeto, há dificuldade para desenvolver com eficácia atividades como as propostas no mesmo, pois houve resistência de 60% das professoras para ensaiar alguma apresentação para a culminância. Percebe-se diante desse fato certa contradição em relação às afirmações feitas pelas mesmas ao serem entrevistadas. É preciso, no entanto, um trabalho de conscientização a essas professoras, sobre a real importância de se trabalhar a temática em curso, de tal maneira que se estenda ao sistema educacional vigente, o qual deveria ser o principal empreendedor da divulgação da cultura local.

Perguntou-se também se no decorrer do trabalho pedagógico de cada professora há espaço para valorizar a cultura local. 60% das entrevistadas afirmaram que há em parte, pois esse trabalho é realizado apenas nas datas comemorativas, principalmente na emancipação política, onde as crianças se caracterizam com as cores da bandeira e escutam o hino da cidade.

Apenas 40% das professoras afirmaram utilizar nas datas comemorativas o recital de poesias. Outras 60% afirmaram que se trabalha a cultura local através dos projetos. Porém 20% discordam, ao afirmar que nunca houve um projeto voltado essencialmente à cultura da cidade, apenas o projeto de pesquisa aplicado recentemente, o qual despertou alunos e profissionais para isso, pois todos se envolveram e participaram.

Observa-se que há pouco reconhecimento por parte das professoras, dos benefícios que traria o desenvolvimento das temáticas culturais, através das histórias infantis para aprendizagem das crianças. Pois apesar de serem condicionadas pelo sistema educacional do município, o qual ainda não despertou para essa importância, segundo depoimento das entrevistadas, existe a autonomia das professoras para adaptarem no currículo tal situação didática.

Percebe-se os efeitos do descaso do sistema educacional como um todo em relação à preservação da cultura, descaso esse do qual essas educadoras são vítimas.

No decorrer da aplicação do projeto de pesquisa observou-se que houve grande envolvimento das professoras, principalmente 40% das presentes que demonstraram maior interesse, pesquisaram, sugeriram atividades práticas e resgataram as histórias das seguintes figuras folclóricas: Milonga, Zé gago, Biu Doido Vila e Severina Branca, assim como dos primeiros cantadores e o aboio de vaquejada. Cantaram, envolveram-se nas dramatizações das histórias, estimularam as crianças a dramatizarem as mesmas, a recontarem e a realizarem as

atividades lúdicas. Pesquisaram canções, e em fim, empenharam-se para tornar os momentos de fato atrativos.

Observou-se também que os recursos didáticos contribuem para o bom andamento pedagógico. As professoras afirmaram ter disponíveis na escola livros, jornais, revistas, microcomputador e vídeo, os quais subsidiaram o processo educativo.

Considerando os enfoques na presente investigação, despertou-se em 40% das professoras o interesse em transformar a temática em atividade pedagógica contínua e estendê-la as demais instituições da Educação Infantil, uma vez que pelo exposto nas entrevistas, o sistema de educação municipal ainda não incorpora a cultura local nos currículos escolares das referidas instituições. Esse é um percentual mínimo, porém importante para motivar as demais educadoras para esse fim.

No entanto, é preciso persistência em discutir esta questão, com o intuito de promover a conscientização das educadoras sobre a relevante importância de explorar com as crianças histórias relacionadas ao seu contexto cultural e empreender excelente aprendizado.

### 3 Considerações Finais

Mediante dados abordados nas discussões dos resultados, observa-se que para se proporcionar um nível de aprendizagem real aos educandos (as), relacionado à cultura local, é preciso de fato partir de uma satisfação pessoal dos (as) educadores (as). Todavia, para se ter essa satisfação pessoal, cada um (a) teria de ter experienciado tal cultura no decorrer de sua vida.

Para tanto, deve-se levar em consideração o papel da escola de manter viva a cultura, a qual trás em si valores indispensáveis ao desenvolvimento humano. Valores esses que estão praticamente esquecidos nas instituições escolares e precisam ser resgatados a fim de que cumpra de fato seu papel educativo.

Comprova-se, no entanto, as hipóteses anteriormente levantadas: para se adquirir desde a Educação Infantil uma postura ética em relação à sua cultura, é preciso conhecê-la para aprender a valorizá-la; Nota-se que o fato de praticamente não ser trabalhado nas escolas a cultura local, tem-se motivado os discentes a terem antipatia pela mesma; Observa-se que as histórias infantis utilizadas atualmente nas salas de aula da Educação Infantil, pouco têm a ver com seu contexto sociocultural.

O valor da cultura local ainda não é reconhecido na prática pelas educadoras investigadas, o que não as motiva ainda a explorá-la efetivamente em sala de aula. Esse fato tem gerado um déficit enorme no processo educacional, o qual, lamentavelmente indica a extinção da referida cultura.

Portanto, esse fato requer do sistema educacional maior reflexão, onde possa incorporar em caráter de urgência a cultura local em seu currículo, desde a Educação Infantil e ofereça efetiva formação com esta temática para despertar os (as) educadores (as) para tão elevada importância.

#### 4 Referências

ARAÚJO, José. **Plano de curso-Componente Curricular: Seminário de Pesquisa**, 2011.

ELISA, Maria. **Literatura Infanto-Juvenil**. Banco de dados. Disponível em: <[www.ebah.com.br](http://www.ebah.com.br)>. Acesso em 25 mar. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.